

Trabalho apresentado no V Congresso Internacional sobre as Festas do Divino Espírito Santo

Terceira/Açores

31 de maio a 3 de junho 2012

A SIMBOLOGIA DO DIVINO ESPÍRITO SANTO: dos Açores para Viana

Fabiene Passamani Mariano e Sonia Souza da Silva

fabienepassamani@gmail.com , soniacult@gmail.com

Para ser entendida em sua totalidade e simbologia, a Festa do Divino Espírito Santo deve ser “lida” a partir de suas referências históricas e crenças da antiguidade, expandindo sua observação para além do contexto cristão. A prática do culto do Espírito Santo nos Açores e em outros países do mundo é exercida por pessoas comuns, ligadas à religiosidade católica através da crença na Terceira Pessoa da Santíssima Trindade. Existe uma relutância geral na aceitação de uma amplitude mais vasta às raízes deste culto, por preocupações de ordem religiosa no sentido de que o culto do Espírito Santo, assim como muitos outros, possui vestígios de antigos ritos pagãos, cuja lógica é relacionada à manifestação das forças da natureza e como as mesmas são interpretadas pelo homem. Tal hipótese é sustentada pelo fato de que, fora do seu tempo original, tais festividades perdem parte do seu sentido, e, para preservação de sua coerência atual e posterior entendimento, faz-se necessário referenciá-la às suas origens. Assim como outras festividades tradicionais religiosas, a Festa do Divino Espírito Santo é marcada por uma lógica temporal que resulta da preocupação com a sobrevivência, e, desta forma, estes e outros aspectos vestigiais tornam-se mais claros se levarmos em consideração que os rituais funcionavam como tentativas mágicas de controle dos problemas.

O aliciente da relação com o sagrado, nele proposto, é caracterizado por uma visão circular ou cíclica do tempo, oposta à visão linear, irreversível, proposta pela igreja estabelecida, na qual a salvação chega no fim. A festa cíclica, fruto de uma constante revitalização, ao contrário, representa uma concepção circular, que subverte a ordem estabelecida, destituindo de sentido os habituais enquadramentos, baseados na distinção entre sagrado e profano. (COSTA, 2008, p.21)

O culto do Espírito Santo é composto por variadas tradições milenares, resultantes de diferentes apropriações e necessárias adaptações relativas a cada época. Para um estudo mais aprofundado faz-se necessário o contato com suas referências de origem, sendo elas relacionadas a quatro pontos importantes: as raízes pagãs, as influências hebraicas, o culto católico e o modelo imperial. As raízes arcaicas do culto do Espírito Santo manifestam-se sob um modelo hierarquizante de poderes entre o sagrado e o profano; entre o ungido e o impuro. Possui em suas referências ancestrais a influência hebraica, apresentada a partir de três formas distintas: pela transferência da noção de sacrifício para a noção de oferta; pela obrigatoriedade do ato da devolução das primícias (relativo ao Antigo Testamento, onde os primeiros frutos da terra e também animais eram devolvidos às divindades protetoras da terra e da natureza), pela justificativa da promessa e pela tradição oral dos milagres atribuídos ao Espírito Santo. A partir do significado da data, podemos citar a celebração da saída dos hebreus do Egito sete semanas após a Páscoa Hebraica - ou quarenta e nove dias, sendo o quinquagésimo, o dia de Pentecostes. Em sua forma atual ainda podemos verificar um conjunto de ritos existentes na Festa do Divino Espírito Santo, expressos em um vocabulário alimentar que remete às primitivas sociedades agrícolas européias. Os ritos encontrados na celebração pertencem a diversas épocas, sobrepostos em camadas temporais, que expressam importantes mensagens e correspondem a um pacto entre os seres humanos e as divindades protetoras da terra e da natureza, através da entrega anual das primícias de primavera. Tal atitude era baseada na crença de que os frutos da terra pertenciam às divindades e o homem teria o direito de utilizar “as sobras” após a retirada e devolução das primícias, cujos elementos simbólicos eram e ainda continuam sendo: os cereais (pão), o vinho e a carne. Tal obrigação para com a divindade era entendida como agradecimento, mas também fundamental para a garantia de fartura nas próximas colheitas e conseqüente sobrevivência das populações recém sedentarizadas: “No dia das Primícias, quando apresentardes ao Senhor uma oblação de grão novo na vossa festa das Semanas, tereis uma santa assembléia e a suspensão de todo o trabalho servil”(NÚMEROS 28, v 26).

A pesquisadora Antonieta Costa, em seu livro “O Culto do Espírito Santo” apresenta em termos gerais, a descrição dos nove elementos mais consensuais (*núcleo conceptual*) utilizados na vasta interpretação e realização do culto do Espírito Santo nas Ilhas dos Açores, sendo eles características gerais da celebração, que se assemelham nas nove ilhas do Arquipélago: O ritual de “Mudança da Coroa”; a ritualização dos alimentos cerimoniais; a distribuição dos alimentos pelos diferentes grupos de pessoas; as séries de preces realizadas durante a semana; a Coroação ou Procissão da Coroa, com a refeição cerimonial; os tipos de sentimentos considerados adequados e “exigidos” nestes dias (alegria, felicidade e amizade); todo o ritual é dirigido e realizado em nome do Espírito Santo; o dever das irmandades de conceder o direito de realização da “Festa” a quem se proponha a fazê-la; a ductilidade do conceito de promessa, por vezes cumprida sem que o objetivo tenha sido alcançado. O conjunto de ritos que compõem a Festa do Espírito Santo, dura em média uma semana, incluindo desde a preparação dos alimentos para as refeições cerimoniais; os cortejos; os bodos (banquetes de comidas típicas da festa servidos a todos os participantes); a entrega das esmolas (pão, carne e vinho) como forma de presentear as pessoas que contribuíram

para a realização da festa, o arraial (complementação “profana” das festividades, semelhante às quermesses existentes no Brasil) até a realização do ato público da Coroação do Imperador, no último dia. A realização da Festa exige muita dedicação e por muitas vezes significa um ato de grande sacrifício em forma de trabalho e entrega, sendo também muito dispendiosa economicamente. Por muitas vezes pode estar relacionada ao cumprimento de alguma promessa, à cura de doenças ou outros males e exige da parte dos organizadores uma doação espiritual manifestada pela gratidão ao Divino Espírito Santo.

Complementar deste pensamento, mas regendo a parte material do mesmo, no que diz respeito ao sistema de ofertas, está o sentido Bíblico da “oferta sem mácula”. Não só os sentimentos de alegria, amizade e felicidade devem ser expressos na Festa, mas também os aspectos físicos ou materiais da mesma devem corresponder a essa exigência de “perfeição”. Tudo deve ser perfeito e harmônico, conforme se pode depreender dos sentidos implícitos nestas estórias, onde é evidente o incentivo à manifestação de sentimentos de fé e de inter ajuda. (COSTA, 2008, p.177).

O que deve ser exaltado na realização do culto é o aumento da fé e da devoção no Divino Espírito Santo, de forma que seus organizadores tentem evitar a deturpação dos verdadeiros valores, evitando de forma preventiva a exaltação de desigualdades sociais na própria realização da festa. O culto instaura transformações sociais sendo responsável pela geração e transferência para a sociedade local de questões éticas e morais, estando acima de qualquer questão material. De acordo com COSTA “a comprovação deste facto poderá ser obtida no estudo da cultura popular Açoriana, que surge aos olhos dos visitantes como fortemente marcada pelos valores do Culto”. (2008, p. 197). A simbologia atribuída à Festa do Divino Espírito Santo é carregada de valores formais, históricos e conceituais. A apropriação dos símbolos da divindade pela família ou pelo responsável pela semana da festa constitui o primeiro ato oficial do culto, porém, se observado apenas sob uma ótica exterior e superficial, poderia ser simplificado ao simples ato formal de transferir alguns objetos de culto para a casa dos novos realizadores da festa. Os símbolos atribuídos ao culto do Divino estão expressos em objetos considerados sagrados: Coroa, Cetro, Pomba, Bandeiras e geralmente estão sob a tutela da irmandade local ou da paróquia (no caso de festas realizadas no Brasil, organizadas pela igreja católica, como por exemplo a de Viana), em outros casos também andam em sistema rotativo pelas casas de pessoas que trabalham voluntariamente na organização das festas. A estes objetos são atribuídas propriedades de ligação ao sagrado e desta forma é exigido um comportamento bastante respeitoso com relação aos mesmos. Caso este protocolo seja quebrado, será denunciado como forma de desconsideração, desapareço e desrespeito para com a Divindade.

Os objectos simbólicos, sagrados, representantes da Divindade, são também o veículo de autoridade sobre o qual assenta a capacidade de realização do Culto, ou seja, determinam a aceitação social do

acto oficial. A pertença temporária destes objectos significa a posse dessa autoridade. São o sinal da concessão feita ao oficiante e legitimada pela comunidade. (COSTA, 2008, p.131).

Os altares são o ponto alto (sob a ótica da estética) do culto do Espírito Santo nos Açores, seja nas Igrejas, nos Impérios ou nas próprias casas. Todos querem dar o seu melhor para a Divindade e para isso não medem esforços para ornamentá-los com muito luxo, com as cores do Espírito Santo - vermelho e branco – utilizando mobiliários, tecidos, rendas, pedras, flores, velas, pombinhas, coroas e pães. Neste estudo, os símbolos apresentados estarão divididos em três grupos distintos, relacionados de acordo com suas origens: símbolos do conjunto alimentar; símbolos do culto católico e símbolos do modelo imperial.

SÍMBOLOS DO CONJUNTO ALIMENTAR

A manipulação, o sacrifício e a oferta destes alimentos simbólicos carregam inúmeros significados implícitos, obtendo grande visibilidade e comoção em cortejos de oferendas e cerimônias de refeições. A transição do homem para o modo de vida sedentário foi de suma importância para a história da civilização europeia, marcando profundamente uma cultura material: “A história cultural tem por principal objeto identificar o modo como em diferentes lugares e momentos uma determinada realidade social é construída, pensa e dada a ler”. (CHARTIER, 1990, p. 16). Os três símbolos do conjunto alimentar são igualmente importantes e analisando a estreita interação ritualística entre os três elementos (pão, vinho e carne), podemos entender o porquê da relutância dos açorianos praticantes do culto contra qualquer tentativa de mudança a este respeito. No Antigo Testamento encontramos referências sobre as ofertas de alimentos e o sacrifício animal:

A partir do dia seguinte ao sábado, desde o dia em que tiverdes trazido o molho para ser agitado, contareis sete semanas completas. Contareis cinquenta dias até o dia seguinte ao sétimo sábado, e apresentareis ao Senhor uma nova oferta. Trareis de vossa casa dois pães feitos de dois décimos de flor de farinha, cozidos com fermento, para agitá-los como oferta; são as primícias do Senhor. Oferecereis também um bode pelo pecado e, como sacrifício pacífico, dois cordeiros de um ano. O sacerdote os agitará com o pão das primícias, como ofertas agitadas diante do Senhor, com os dois cordeiros: serão consagrados ao Senhor, e serão propriedade do sacerdote. Nesse mesmo dia anunciareis a festa e convocareis uma santa assembléia: não fareis trabalho algum servil. Esta é uma lei perpétua para vossos descendentes, em qualquer lugar onde habitardes. (LEV 23, 15-21)

O PÃO

Na Festa do Divino Espírito Santo o pão é símbolo oficial do Sagrado e o mesmo é constituído de poderes especiais, com atribuições de milagres ou outros acontecimentos inexplicáveis cientificamente. A crença nas propriedades especiais do Pão está arraigada nos pressupostos de que ele teria o poder de acalmar tempestades; que sua durabilidade é infinita; que se utilizado no preparo das sopas do Espírito Santo apresentam um melhor sabor; que não deve ser dado aos animais; que a casa que guardar durante o ano algum pedaço do pão sagrado será preservada da fome. Os “Pães do Divino Espírito Santo” possuem diferentes variedades e assim correspondem a diferentes utilizações na tentativa de obtenção de milagres e de cura de males corporais. Assim é comum a existência de pães em formatos de braços, pernas e corpos inteiros, na crença de que quanto mais especificado estiver o problema, maior será a eficácia da sua cura através do milagre. De forma idêntica também encontramos pães em formatos de animais, reproduzidos em massa sovada e apresentados como ex-votos ou como pagamento de promessas. Nas práticas relacionadas ao Culto do Espírito Santo no Arquipélago dos Açores encontramos pelo menos sete tipos diferentes de pães, sendo também chamados de massa sovada em algumas localidades: rosquilhas, brindeiras, merendeiras, pão de tranca, folares, pão de água e pão de leite. Cada uma destas especialidades é relacionada ao que delas é esperado, mantendo as propriedades que o classificam como objeto sagrado na realização da festa, marcando situações e intenções específicas.

O VINHO

Nos rituais do Espírito Santo, as ofertas de vinho acompanham (ou devem acompanhar) outros alimentos rituais (pão ou carne). O vinho é um alimento cerimonial utilizado em diversas religiões, incluindo a católica numa simbologia atribuída ao sangue de Jesus Cristo, conforme cita a seguinte passagem Bíblica: “Em seguida, tomou um cálice, deu graças e entregou-lho. E todos eles beberam. E Jesus disse-lhes: Isto é o meu sangue, o sangue da aliança, que é derramado em favor de muitos” (Marcos 14, v 23-24). Na comunicação com o sagrado, sob uma ótica material, o vinho apresenta a função de facilitar o estado alterado de consciência nos praticantes (uma espécie de transe), permitindo-lhes o alcance de uma nova dimensão, pressupostamente mais próxima da Divindade. Outros instrumentos sensoriais também podem ser utilizados como recurso para acessar essa outra dimensão, tais como o olfato (incensos, perfumes), a audição (música e outros sons que contribuam para um estado de maior interiorização), a visão (aguçada pela arte, pela beleza no seu sentido estético), enfim todos os sentidos podem contribuir para uma elevação do espírito, conforme descrito a seguir:

Outra função essencial do ritual, a de catalizador e gestor de emoções, é magistralmente manipulada pelo Culto. Na prossecução dos vários ritos, são feitos apelos aos sentidos, paladar, visão, olfacto e ouvido, cujas emoções são coordenadas com os fins a atingir. (COSTA, 2008, p.91)

A complexa ritualização do vinho nos rituais açorianos obedece a cerimoniais precisos onde é valorizada a acumulação dos sentidos em diversos aspectos. Mesmo com certas distinções de rituais existentes de ilha para ilha, encontramos diversas semelhanças no transporte do vinho: carros decorados obedecendo ao ritual e coreografia do cortejo (chamando atenção do público pela beleza de sua ornamentação e pelo chiado emitido por suas rodas), emissão de sinais sonoros pelos foguetes que anunciam sua chegada. O cortejo percorre um itinerário organizado de forma a permitir a distribuição do vinho pelas casas previstas.

A CARNE

A simbologia principal da carne nas festividades do Espírito Santo está relacionada com a existência do “Bezerro do Espírito Santo”, animal que desempenha um papel ambíguo e confuso. Nas religiões primitivas européias, ele desempenha, por excelência, o papel de animal cultural, tradicionalmente ligado ao sagrado. Inúmeros milagres são atribuídos a esse animal em diversas estórias contadas por participantes do culto. A carne é o elemento simbólico alimentar da Festa do Divino Espírito Santo que apresenta a maior ligação com as origens do culto. Embora seja morto de forma sacramental, sua distribuição é referência de fortes manifestação de milagres e outras estórias de acontecimentos inexplicáveis, onde o bezerro se destaca na tradição do culto.

A folia dos bezerros tem lugar na quinta-feira. A partir do momento que o Imperador ou Mordomo são nomeados, os bezerros são as suas prioridades. O cortejo dos bezerros sai da casa do Imperador ou Mordomo, até ao local onde calmamente os animais ainda dragam a verdejante pastagem. Depois de enfeitados com fitas, rosas, pombas e coroas de papel, de diversas cores, os bezerros seguem no cortejo, que é animado por elementos da Filarmónica, até o local do sacrifício. Os Imperadores no final do cortejo benzem os bezerros com o ceptro, enquanto os Mordomos o fazem com a vara do Espírito Santo. (MAGINA, 2007, p.36)

SIMBOLOS DO CULTO CATÓLICO

No Culto do Espírito Santo são realizados ritos litânicos, preces e cânticos, o que o aproxima de outros procedimentos cristãos católicos. Constituem exemplos desta natureza a utilização da simbologia da Pomba e das Línguas de Fogo.

A POMBA E AS LÍNGUAS DE FOGO

Sendo a ave um dos símbolos mais poderosos da liberdade e da expansão da consciência, pela sua natureza arquetípica estando presente em praticamente todas culturas (pomba, águia, falcão, fênix). Um ser que voa, simbolizando e exprimindo, privilegiadamente, a relação entre o céu e a terra, entre o espiritual e o material. Desta forma, as aves representam os estados superiores dos

seres, que se libertaram das questões terrestres e materiais, se ascendendo ao campo transcendental, realçando a importância fundamental do vôo e da liberdade. A pomba simboliza a pureza, a paz e a representação inequívoca do Espírito Santo entre os cristãos. Basta recorrer ao início do Genesis, onde o espírito de Deus se movia, como uma ave, sobre a superfície das águas primordiais. Encontramos referências ao Espírito Santo relacionado com o simbolismo da Pomba (no sentido de materialização) em todas as passagens referentes ao Batismo de Jesus Cristo. Em Mateus 3, versículos 16 e 17: “Depois que Jesus foi batizado, saiu logo da água. Eis que os céus se abriram e viu descer sobre ele, em forma de pomba, o Espírito de Deus”. Em Marcos 1, no versículo 10: “No momento em que Jesus saía da água, João viu os céus abertos e descer o Espírito em forma de pomba sobre ele”. Em Lucas 3, versículos 21 e 22: “Quando o povo todo ia sendo batizado, também Jesus o foi. E estando ele a orar, o céu se abriu e o Espírito Santo desceu sobre ele em forma corpórea, como uma pomba; e veio do céu uma voz: “Tu és o meu Filho bem-amado; em ti ponho minha afeição”. Em João 1, no testemunho de João Batista, nos versículos 32 e 33: “João havia declarado: Vi o Espírito descer do céu em forma de uma pomba e repousar sobre ele. Eu não o conhecia, mas aquele que me mandou batizar em água disse-me: “Sobre quem vires descer e repousar o Espírito, este é quem batiza no Espírito Santo.””

Também na Bíblia encontramos a passagem que relata o simbolismo das línguas de fogo, que encontramos sempre em formato de fitas coloridas amarradas à pomba do Divino Espírito Santo. Em Atos dos Apóstolos 2, versículos 1 a 4:

Quando chegou o dia de Pentecostes, todos eles estavam reunidos no mesmo lugar. De repente, veio do céu um barulho como o sopro de um forte vendaval, e encheu a casa onde eles se encontravam. Apareceram então uma espécie de línguas de fogo, que se espalharam e foram poisar sobre cada um deles. Todos ficaram repletos do Espírito Santo, e começaram a falar em outras línguas, conforme o Espírito lhes concedia que falassem.

SIMBOLOS DO MODELO IMPERIAL

Vários elementos da forma e também do sentido da Festa do Divino Espírito Santo referem-se ao sentido Imperial do Culto, atribuídos à realeza portuguesa do início do século XIV: Rei Diniz e Rainha Isabel. A Coroa e o cerimonial da Coroação dão ênfase à simbologia da delegação de poderes ao homem comum, por meio do papel desempenhado na realização da Festa.

Para o Imperador o momento mais alto de toda a semana é a coroação. Os elementos que vão coroar podem ser crianças e/ou adultos. O Imperador normalmente coroa. A Filarmónica está a caminho, dando-se início à preparação do cortejo que parte para a Igreja. As bandeiras abrem o cortejo, seguindo-se as ofertas que irão ser entregues no Império, depois as coroas, e por fim a Filarmónica. Os convidados e familiares formam duas alas. O cortejo segue até à

Igreja. Depois do sacerdote celebrar a eucaristia, é chegado o momento da coroação. Em frente ao altar, são colocadas em fila, todas as coroas que fazem parte desta cerimônia. Por detrás, ficam os respectivos acompanhantes. Recebendo o Sacerdote a Coroa, retira o ceptro, beijando-o e entregando-o a quem vai ser coroado. Levanta a coroa sobre a cabeça deste, e com o sinal da cruz, impõem-na de seguida. Esta cerimônia é repetida por todos os que vão coroar. (MAGINA, 2007, p.55)

O IMPÉRIO

Os Impérios são pequenas construções, geralmente em formato cúbico, que caracterizam uma particularidade no culto do Espírito Santo no arquipélago dos Açores. Devido à sua pequena dimensão e sua conseqüente incapacidade de abrigar as multidões de pessoas praticantes do culto, apresentam uma concepção funcional diferente das demais igrejas da religião católica e caracterizam-se por manterem o sentido inicial dos templos gregos, não sendo utilizados para a realização de cultos e preces, servem apenas como morada (temporal) da Divindade, abrigando os aparatos utilizados na Celebração da Festa do Divino Espírito Santo, marcando assim uma existência material.

Tratando-se de uma estrutura sólida, tem, no entanto, o seu acesso por uma escadaria removível. Na sua fachada, a porta central é ladeada por duas janelas. O seu varandim de ferro fundido embeleza o pequeno espaço disponível para os visitantes. No cimo da fachada principal ostenta a coroa do Espírito Santo. No mastro eleva-se a bandeira do Espírito Santo. O império apenas abre as suas portas nos Domingos de Pentecostes e da Trindade (MAGINA, 2007, p.7)

Alguns Impérios podem ser utilizados como ponto de apoio na realização das tradicionais touradas à corda ou outras festividades no arquipélago dos Açores. Muitos dispõem de um edifício de apoio, chamado de despensa e nele são guardados alguns utensílios e também alimentos (barris de vinho, pães, açafates de vime, etc.). Na despensa também se realiza a bênção do pão e do vinho que são oferecidos nas festividades dos Domingos de Pentecostes e da Trindade. Em Viana não existem Impérios, e assim a Festa é preparada nas casas de integrantes da Comissão organizadora (incluindo o Imperador e a Imperatriz) e a mesma é realizada na Igreja Matriz de Nossa Senhora da Conceição, no centro da cidade.

A COROA E O CETRO

A Coroa é um ornamento ou adorno de cabeça, símbolo de legitimidade, poder ou conquista. Além de representar o poder de quem a utiliza, faz alusão ao poder superior (daquele que está acima) e faz transcender o poder do coroado aos reinos celestes. Tradicionalmente utilizada por

monarcas e outros nobres, assim como em representações figurativas de deuses e santos. A utilização de adornos de cabeça para indicar governantes acontece desde a pré-história, sendo encontrada frequentemente na história de diversas civilizações, nas mais diversas épocas. A precursora da coroa no Ocidente foi a Diadema, uma fita usada pelos imperadores persas e romanos. Na antiguidade clássica, as coroas geralmente eram feitas de metais preciosos, incorporando também pedras e outras incrustações. Eram oferecidas também a alguns indivíduos de destaque que não eram governantes, como por exemplo, aos generais em triunfo. Atualmente, a cerimônia de coroação é realizada apenas pela monarquia britânica, embora alguns países ainda mantenham suas coroas como símbolo nacional. Na religião católica, em cerimônias especiais, os cardeais e bispos (“príncipes da Igreja”) usam uma Mitra (forma estilizada da coroa tradicional), já a Tiara, um dos modelos mais nobres de coroa, é um atributo exclusivo do Soberano Pontífice. A coroa é um dos símbolos mais importantes da Festa do Divino Espírito Santo, sendo o ritual da Coroação o ponto máximo da Festa, geralmente possui hastes, sendo que as mais antigas possuem quatro hastes, remetendo ao poder imperial, reconhecendo o Espírito Santo como o poder máximo. Na junção das hastes sempre há uma esfera, encimada por uma Pomba, que por sua vez, representa o domínio do Espírito Santo sobre a Terra e sobre o próprio poder imperial. As coroas do Espírito Santo possuem uma espécie de bastão chamado Cetra, que possui o mesmo nome do bastão utilizado pelos monarcas, destacando assim outro reconhecimento de autoridade real. O cetra também possui uma Pomba em sua extremidade superior, que remete ao simbolismo de realeza e hierarquia reconhecidos à Terceira Pessoa da Santíssima Trindade. Algumas coroas ostentam também uma Cruz sobre suas hastes, sinalizando a ligação entre a fé em Cristo e a fé no Espírito Santo.

ESTANDARTE E BANDEIRA

A bandeira é definida como símbolo representativo de um estado soberano, país, ou qualquer organização tradicional. Na celebração da Festa do Divino Espírito Santo, assim como a coroa é símbolo do poder real, outra simbologia bastante utilizada está na implícita no hasteamento de bandeiras e/ou estandartes, remetendo às conquistas realizadas pelos antigos reinados e às instituições religiosas em torno de uma devoção específica. Os estandartes e as bandeiras do Divino Espírito Santo geralmente são confeccionados em vermelho, que simboliza o fogo, alusivo à forma pela qual o Espírito Santo de Deus se manifestou aos apóstolos e à Virgem Maria no cenáculo. Outra cor também muito utilizada é a branca, simbolizando a pureza do Espírito Divino. Em comum, todos possuem a representação da pomba, simbolismo do Espírito Santo, de onde frequentemente divergem vários raios de luz, em número de sete, representando os dons do Espírito Santo: Sabedoria, Entendimento, Conselho, Fortaleza, Ciência, Piedade e Temor de Deus. A decoração utilizada nas bandeiras e nos estandartes é bastante rica e variada, sendo freqüente o aparecimento de motivos florais e arabescos nos bordados. Os mastros das bandeiras ostentam em seus topos uma imagem da Pomba do Divino pousada sobre uma esfera armilar (equivalente celeste a um globo terrestre), esculpida em madeira, metal ou gesso.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Pela natureza e número das estórias que acompanham o cotidiano do Culto, podemos nos aperceber do aflorar de uma consciência mítica que envolve o Culto em geral, parecendo ligá-lo a outras origens e tempos. A preservação desta consciência é um dos factores que fazem do Culto do Espírito Santo nos Açores uma espécie de “museu vivo”, uma vez que se alimenta de uma constante sondagem individual às memórias e costumes em prática, não se apoiando apenas no que é tido como “ortodoxo” dentro do Culto (COSTA, 2008, p. 71)

A coerência entre ideais e comportamentos pode ser considerada como uma das garantias de longevidade de qualquer organização e assim, a sintonia existente entre o processamento do ritual e a economia de meios semânticos utilizados na expressão dos valores do Culto do Espírito Santo, reflete o sucesso que permeia a concordância entre o ritual e o ideal. O ritual exerce papel fundamental no contexto do Culto do Espírito Santo, sendo complementar ao seu sucesso. Assim, podemos considerar que a predominância dos elementos simbólicos materiais e imateriais na performance da Festa do Divino Espírito Santo é a melhor contribuição para o entendimento do Culto e sua conseqüente preservação através dos tempos.

REFERENCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AÇORES, Presidência do Governo Regional dos Açores. **Pelo Sinal do Espírito Santo/By the Sign of the Holy Spirit**. Angra do Heroísmo: DRC, 2007.

BIBLIA SAGRADA. **Edição Pastoral Catequética**. São Paulo: Editora Ave Maria, 2006.

CHARTIER, Roger. **História Cultural**. Entre práticas e representações. Lisboa: Difel, 1990.

CHIPP, HB. *Teorias Simbolistas*, in: **Teorias da Arte Moderna**. São Paulo: Martins Fontes, 1988.

COSTA, Antonieta. **O Culto do Espírito Santo/The Cult of the Holy Spirit**. Lisboa: Ésquilo, 2008.

MAGINA, João Manuel. **O Ciclo do Espírito Santo/ The Holy Ghost Cycle**. Angra do Heroísmo: Nova Gráfica, 2007.

MARTINS, Francisco Ernesto de Oliveira. **A Festa nos Açores**. Angra do Heroísmo: Serafim Silva, 1992.